



Em 1770, o Capitão Cook desembarcando em Botany Bay, numa tela de E. Phillips Fox

Cap. Cook, o Marinheiro Humanitário

A homenagem de um marinheiro australiano
ao descobridor do seu país

ALAN VILLIERS

NASCI na Austrália. Meu idioma é o inglês porque o Capitão James Cook esteve lá, há cerca de 200 anos. Na nossa sala de aulas, em Melbourne, havia um retrato do Capitão impedindo seus homens de atirarem sobre dois

aborígenes australianos, naturalmente alarmados com a invasão do seu território. Ao fundo aparecia o seu navio, o famoso *Endeavour*. Com a sua fisionomia agradável e aberta, ele parecia um homem bom e tranquilo demais para ser conside-

rado uma grande figura da História.

No entanto, em três grandes viagens, entre 1768 e 1779, Cook tomou posse para a Inglaterra da costa oriental da Austrália, circunavegou a Antártida, descobriu as ilhas havaianas e fez o levantamento de quase 5.000 quilômetros da perigosa costa ocidental da América do Norte. Através disso tudo, exibiu uma preocupação total pelos seus marinheiros, coroados com a extraordinária vitória sobre o escorbuto, doença que, até ao seu tempo, era aceita como mal necessário a bordo dos navios e assassina N.º 1 dos navegadores.

Filho de um lavrador sem influência nem dinheiro, James Cook começou sua vida no mar pela via árdua, como aprendiz nos barcos costeiros do Mar do Norte. Na navegação de vela, a cabotagem era muito mais perigosa que as longas viagens em mar aberto, pois a terra era a maior ameaça aos navios — marés, ventos adversos e tempestades atiravam-nos à costa. Nesses barcos do Mar do Norte, um marujo tinha de ser bom, e Cook não poderia ter tido treino melhor.

Em 1755, com 27 anos, foi escolhido para um posto de comando. Não aceitou e, por motivos que nunca explicou, engajou-se como simples marinheiro. Rapidamente ascendeu ao lugar de mestre, suboficial que tinha a seu cargo a navegação, mas não o comando do navio em combate — responsabilidade reservada a oficiais superiores.

Aos 29, foi feito mestre do *Pembroke*, um navio de 64 canhões, que navegava nos mares da América do Norte.

No Canadá, Cook distinguiu-se fazendo o levantamento hidrográfico do turbulento Rio St. Lawrence até Quebec. Nos cinco anos seguintes, preparou cartas da Terra Nova que permaneceram em uso até um século depois. Durante essa viagem, Cook testemunhou um eclipse do Sol. Não sendo escritor, enviou suas observações num relato que foi recebido com aplausos pela Royal Society, de Londres — feito sem precedentes para um suboficial. Obviamente impressionados e com o apoio dos Lordes do Almirantado, os sábios da Royal Society contrataram-no e fizeram-no comandante da viagem do *Endeavour*, que ele transformaria num enorme triunfo pessoal.

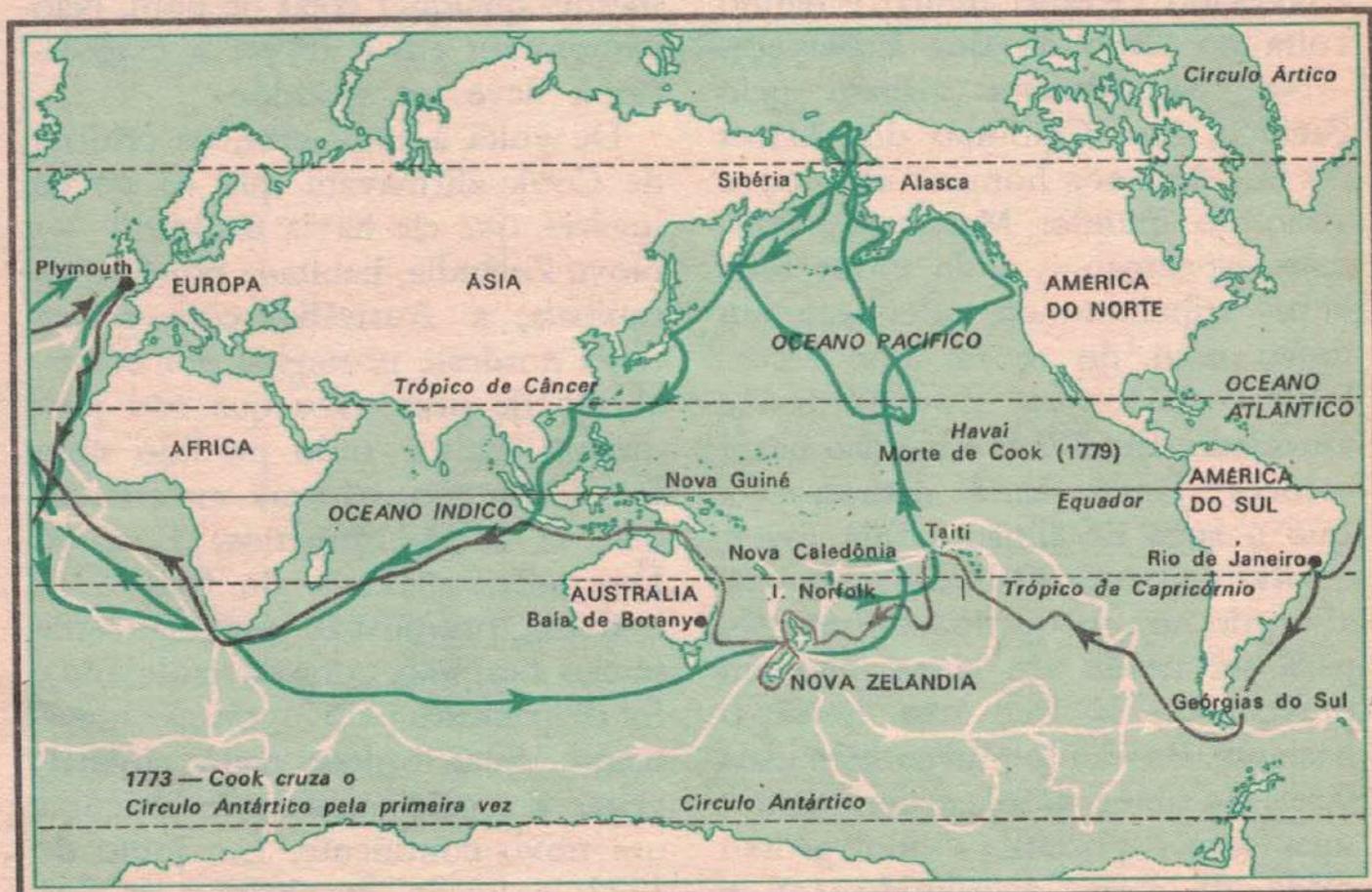
O veleiro *Endeavour*, antigo barco carvoeiro de apenas 106 pés, tinha uma dupla missão: fazer observações astronômicas no Taiti, a fim de ajudar a determinar a distância entre a Terra e o Sol, e procurar um continente sobre o qual se especulava, a Desconhecida Terra do Sul. Cruzando o Atlântico, o *Endeavour* aportou no Rio de Janeiro. Daí, impelido pelos fortes ventos, circundou o Cabo Horn e demandou o Taiti, quase 5.000 milhas a noroeste. Estimulada pelas histórias de outros exploradores, sua tripulação vinha sonhando havia meses com as atrações femininas dessa ilha: um preguinho dava direito a

uma garota, um cravo pagava um harém durante um mês. Os taitianos, que não conheciam metais, davam tudo para possuir o material maravilhoso. O *Dolphin*, navio inglês em que Samuel Wallis descobrira o Taiti, quase naufragara de tantos cravos e parafusos vitais que sua tripulação tirara dele, às escondidas, em um mês. O *Endeavour* passaria três meses no Taiti, e seu comandante pôs sob guarda armada tudo o que fosse de metal a bordo.

Cook então voltou-se para o sul, onde encontrou as duas longas e maravilhosamente férteis ilhas principais da Nova Zelândia, e além delas, cruzando o Mar da Tasmânia, atingiu a costa oriental da grande terra que viria a ser a Austrália. Fez o levantamento de 3.800 qui-

lômetros de costas da Nova Zelândia. Os maori tinham absoluta certeza de que os ingleses eram seres sobrenaturais, de vez que remavam para a praia voltados para o horizonte, tendo então o poder de enxergar de costas. Além disso, eram capazes de tirar suas peles (os casacos) e alguns (que usavam perucas) até os escalpos.

Passados mais de 80 anos, um chefe maori recordava: «Havia naquele navio um homem supremo. Sabíamos que era o senhor de tudo, pelo seu comportamento perfeito, nobre e cavalheiresco. Ele nos procurava e acariciava-nos o rosto. Meu companheiro disse: 'Este é o líder, e a prova é a delicadeza dele conosco: gosta também muito de crianças. Um homem nobre não se



— 1.ª VIAGEM, 1768-71

— 2.ª VIAGEM, 1772-74

— 3.ª VIAGEM, 1776-79

perde na multidão.'» Os maori gostaram de Cook.

Depois da Nova Zelândia, pelas ordens recebidas, Cook poderia ter retornado rumo oeste até alcançar o Atlântico, e a Inglaterra, através do Cabo Horn. Os ventos eram favoráveis, e a distância até ao cabo de cerca de 4.700 milhas. Mas James Cook não fazia as coisas pelo mais fácil. Aquela grande incógnita no mapa, as 2.500 milhas da face oriental de «New Holland» — a futura Austrália — era um desafio.

Largou com o seu naviozinho de novo rumo oeste. Em vez de cinco meses, levou mais de 15 para chegar a casa, pelo Mar da Tasmânia, a costa oriental da Austrália, o Mar de Coral, a Grande Barreira de Recifes, o Estreito de Torres, através do Oceano Índico e dando volta no Cabo da Boa Esperança.

Na sua primeira viagem pelo Pacífico, esse Colombo dos Mares do Sul dera aos homens uma nova visão do mundo. Mas o seu feito mais espantoso — o de trazer toda a sua tripulação de volta sem um único caso de morte por escorbuto — não foi devidamente apreciado. Em 1754, o médico naval escocês James Lind demonstrara que o suco de limão podia evitar e curar a doença. O *Endeavour* levava a bordo um pequeno suprimento, para ser usado em curas, não em prevenções, já que não havia o bastante. Buscando preventivos mais fáceis de obter, Cook experimentou uma «sopa portátil» — um grosso caldo de carne distribuído sob a

forma de concentrado. Levava a bordo também barris de algo a que se chamava «Sour Krout», em quantidades suficientes para dar quase um quilo por semana a cada tripulante, durante pelo menos um ano.

No começo, seus lobos-do-mar recusaram, dizendo que aquilo estragava a comida. Cook, que conhecia marujos, simplesmente mandou parar de servir, não disse nada, e aumentou as porções dos oficiais, ordenando-lhes, sigilosamente, que mostrassem prazer em comer, nem que estivessem para vomitar. Esse «favoritismo» em relação aos oficiais foi rapidamente espalhado pelos grumetes, e a tripulação logo começou a achar que a mistura infernal talvez tivesse mesmo qualquer coisa de bom. Não demoraram em começar a exigí-la. Cook deve ter sorrido.

De volta à Inglaterra, os críticos de Cook afirmavam que os novos lugares que ele havia mapeado — a Nova Zelândia, habitada por ferozes canibais, a Austrália, com a sua costa nordeste protegida por corais, abrigo de primitivos que não produziam nada — tudo perdido num fim de mundo, não era material de que se fizesse impérios. E a tal Desconhecida Terra do Sul?

Cook, promovido a comandante (e não a capitão, como seria devido), foi despachado para investigar novamente. Suas ordens eram circunavegar a região antártica e procurar um novo continente. Em julho de 1772, a bordo da chalupa de Sua

Majestade *Resolution*, de cerca de 110 pés, ele levantou ferros de Plymouth.

James Cook fez tudo o que se havia determinado fazer, e muito mais. Circunavegou a Antártida, desmentindo o mito de uma gigantesca e inabitada terra ao sul — e, se existisse, tal continente estaria encerrado em gelos. Sem outro aquecimento que o fornecido por um ou dois fogareiros improvisados, a *Resolution* só podia navegar no Antártico durante os breves verões, e, assim mesmo, com grandes perigos. O frio intenso afligia a todos, e o próprio Cook esteve tão mal dos intestinos que quase morreu.

Quando a *Resolution* voltou à Inglaterra, no fim de julho de 1775, depois de três anos e 18 dias de mar, James Cook recebeu, finalmente, suas homenagens públicas. Fez à Royal Society um relato sobre os meios através dos quais conseguiu trazer de volta sua tripulação de duas das mais longas viagens jamais empreendidas, sem uma única perda por escorbuto. Recebeu da Royal Society a Medalha de Ouro Copley, a maior condecoração britânica para feitos intelectuais — distinção extraordinária para um filho de lavrador sem diploma escolar nem títulos.

Em reconhecimento aos seus feitos como infatigável navegador e descobridor, Cook foi finalmente promovido a capitão e nomeado para a direção do Hospital Greenwich, o que lhe assegurava tempo para trabalhar nas suas observações,

acesso a publicações especializadas e uma oportunidade de renovar contato com a mulher e os filhos.

A vida não devia ser fácil para a tranquila Elizabeth Cook, que se mantivera sempre em segundo plano. Cada vez que seu marido retornava à casinha perto de Greenwich, vindo dos confins da Terra, procurava pelos rostinhos das crianças que deixara ao partir. Nunca estavam todos à espera. O país padecia de elevada taxa de mortalidade infantil, e três dos seis filhos de Cook morreram pequenos. Outros dois não chegariam aos 18 anos. Agora, em 1776, a Sr.^a Cook separar-se-ia do marido pela última vez. Novas ordens estavam sendo emitidas para a chalupa *Resolution*.

Essa seria a mais difícil missão que James Cook jamais enfrentara no mar. Cobia-lhe resolver um antigo problema, uma rota de navegação entre a Inglaterra e a Ásia através de uma passagem ao norte. Uma vez que todos os exploradores haviam falhado, através do Atlântico, Cook, explorador do Pacífico, buscaria o caminho através do seu oceano. Se não descobrisse a tal passagem, deveria tentar navegar de volta ao Atlântico, contornando todo o norte do Canadá, ou pelo outro lado, circundando a Sibéria em direção à Europa. Com a flama das descobertas brilhando novamente em seus olhos, Cook lançou-se rumo ao Pacífico, passando pelo Cabo da Boa Esperança.

Quando atingiu o Taiti, teve uma crise de reumatismo que o deixou

aleijado, agravada pela umidade das suas acomodações abaixo do convés. «Vamos dar um jeito nisso», disse-lhe um chefe local seu amigo. Doze mulheres imensas e musculosas foram trazidas cerimoniosamente numa canoa. As gigantes caíram sobre Cook, batendo e amassando com suas mãos gordas e ativas, até estalarem as juntas do capitão e seu corpo todo ficar reduzido a uma massa inútil. Com quatro sessões dessas, desapareceram as dores de Cook.

Saindo do Taiti, fez outra de suas grandes descobertas, as ilhas havaianas, que mais tarde transformou em base no Pacífico Norte para suas explorações árticas. Essas ilhas eram perigosas, um problema para a navegação, e, como descoberta, valiam quase nada. Cook desbravou o seu caminho ao longo da Península do Alasca e das Ilhas Aleútas, subindo na direção da Ponta Barrow até ao seu ponto mais a norte, quase a 71°. Depois disso, vinham os gelos imbatíveis do Oceano Ártico. Não existia o menor sinal de uma passagem útil à navegação à volta da Sibéria ou da América do Norte.

Depois de meses entre gelo, neblina e rochedos, Cook voltou ao Havaí e ancorou seus navios na Baía de Kealakekua. Os polinésios, aí, receberam bem os ingleses, mas aqueles homens estranhos nas suas ilhas flutuantes comiam demais — e após várias semanas começavam a esgotar-se as hortas, as despensas, os campos de batatas-doces e os chiqueiros locais. Os ilhéus ficaram

felizes quando seus hóspedes levantaram âncora e partiram.

Surgiram então tempestades que danificaram o mastro principal da *Resolution* de forma impossível de reparar a bordo. Cook não tinha ancoradouro melhor que Kealakekua. Sabendo que não seria bem recebido ali, relutou em voltar. Mas não havia outro jeito.

Novamente ancorados, os ingleses encontraram uma atitude diferente. Os homens de pele escura ameaçavam-nos com pedradas. Pequenos roubos tornaram-se grandes quando desapareceu um bote do *Discovery*. Como era seu costume, Cook foi à terra a fim de apanhar um chefe importante que seria trocado pelo bote — pelo menos tentou fazê-lo. Uma oposição violenta transformou-se em conflito generalizado. Cook escapou para a praia a fim de voltar a bordo. Pedras voavam por todos os lados. Mosquetões disparavam. Cook voltou-se para os navios a fim de ordenar um cessar-fogo. Nesse momento, um guerreiro atingiu-o e ele caiu de joelhos na água. Foi esfaqueado pelos nativos até morrer.

NUM DIA DE SOL, sentei-me numa praia ao sul de Wollongong, pensando naquele filho de lavradores que navegara 2.000 milhas daquelas costas desconhecidas. Hoje, através de 240 quilômetros para norte da praia onde eu estava, estende-se a incipiente megápolis onde vive um quarto da população australiana — mais de três milhões de pessoas,

2.750.000 só em Sidney. Onde outrora alguns primitivos pescavam e arremessavam bumerangues, cavando uma vida pobre, hoje a margem oriental de um continente ativo e dinâmico abriga muito mais gente que a que vivia em todo o Pacífico Sul quando James Cook ali chegou pela primeira vez.

A lembrança do grande homem que morreu na Baía de Kealakekua

aos 50 anos de idade, no dia 14 de fevereiro de 1779, está viva em milhões de corações. Seus monumentos são modernos — as populosas Austrália e Nova Zelândia e grupos e grupos de ilhas no Pacífico, quase incontáveis, que ele descobriu ou redescobriu.

O filho de lavradores ingleses realmente mudou a face do mundo no Pacífico.



MEU MARIDO, criado na cidade, deliciava-se com a sua primeira visita à minha terra natal. A cidadezinha e os seus habitantes, tranquilos e acolhedores, encantavam-no. Ele acompanhava meu pai nas andanças ao correio e ao comércio, observando os costumes locais.

Na última noite, ao despedir-se do agente dos Correios, ele, sem querer, bloqueou a passagem de um velhinho que esperava pacientemente para entrar. O homem aceitou gentilmente as desculpas do meu marido e depois disse, falando arrastado: «Não tem importância, meu filho. Se estivesse com pressa, eu teria vindo ontem.»

— C. N. C.



Cliente Satisfeito

UMA COMPANHIA de gás e eletricidade recebeu a seguinte carta de um cliente: «Lá estava eu, de pé e atordoado, no meio da estrada, diante do meu carro desfeito pelo choque contra um veado. Passou por mim um dos seus guarda-fios. Chamou pelo rádio a patrulha de socorro. Era uma noite muito fria. Ofereceu-me o seu casaco e ligou o aquecimento do caminhão. Depois que o meu carro foi socorrido, levou-me até em casa, onde minha mulher me esperava aflita. Foi extremamente prestativo, solícito e dedicado. Recusou qualquer gratificação. Diante disso, o mínimo que posso fazer é escrever-lhes esta carta de agradecimento.

P. S. Para ajudar nas despesas de gasolina, óleo e desgaste do material, deixei a luz da varanda acesa toda a noite.»

— P. G. M. E.